

DÍVIDA

JORNAL DA TARDE

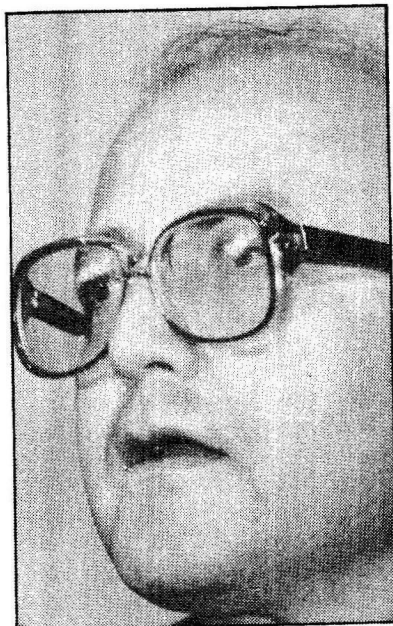
6x7

23 SET 1989 Mailson culpa Constituição

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, explicou ontem a uma platêia de 50 banqueiros e empresários em Nova York por que o plano econômico do presidente Sarney não deu certo e agora o Brasil não consegue pagar os juros da dívida externa aos bancos credores. Segundo Mailson, os resultados apontavam para a direção certa, mas as despesas criadas pela Constituição "tornaram impossíveis ao Brasil cumprir com as condições junto ao FMI". O ministro estava acompanhado de seu secretário para Assuntos Internacionais, Sérgio Amaral.

Mailson explicou aos banqueiros que o relacionamento na área externa está difícil, pois no último ano o País transferiu aos seus credores um grande montante de recursos, enquanto os novos financiamentos foram escassos. Segundo o ministro, os créditos de agentes multilaterais foram de menos de US\$ 100 milhões em 1988, e o Brasil tem um déficit com instituições multilaterais desde 1987. "Este ano, por exemplo, a transferência negativa com o FMI e o Banco Mundial será de quase US\$ 1 bilhão com cada uma dessas instituições. Com relação aos bancos privados, o buraco entre os pagamentos de juros e novos empréstimos é ainda maior."

Segundo o repórter Régis Netrovski, especial para a Agência Estado, o ministro deu um tom político à sua exposição aos banqueiros e empresários america-



Arquivo/AE

O ministro explica as razões do calote

nos. "Há uma dificuldade em reconciliar a construção da democracia, as reformas econômicas e a preservação de boas relações com a comunidade financeira internacional", disse Mailson, argumentando que "este cenário explica a aceleração da inflação". Além disso, segundo o ministro, o Congresso rejeitou muitas medidas para a redução do déficit fiscal.

Mailson da Nóbrega concluiu seu discurso pedindo aos banqueiros uma redução da dívida externa, que aliviaria "a responsabilidade do lado fiscal, causada pela conta de juros do setor público". Em seguida, o ministro foi bombardeado por questões que iam desde a Amazônia até a

distribuição de renda no Brasil, passando por uma pergunta sobre se o País está em moratória. Um banqueiro perguntou por que deveriam continuar confiando num governo que está no fim e se tudo já não foi deixado para o próximo presidente. Mailson respondeu: "Estamos num período de transição".

O negociador do Citibank e coordenador do comitê dos bancos credores, William Rhodes, saiu da reunião correndo para viajar a Washington, e sem nada resolvido sobre os juros. "O ministro ficou de falar com o FMI. Acho que tudo se decidirá então", disse Rhodes. Mailson embarcou ao meio-dia para a capital dos EUA, onde teria no final da tarde um encontro com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus.

FMI

Após a conversa com Camdessus, Mailson evitou falar em prazos para o fechamento de um acordo sobre a dívida, mas disse que o diretor do FMI até se impressionou com os números e a austeridade que o governo vem projetando para 1990. Mailson explicou que todo o trabalho dos técnicos do atual governo terá necessariamente de ser avaliado pelo Congresso, já que o orçamento para 1990 precisa ser aprovado até dezembro.

— E a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que o próprio Congresso adotou, exige um orçamento austero — afirmou o ministro.